

Investir em tecnologia é desenvolvimento

O desafio da América Latina é construir uma economia digital baseada na inovação, o empreendedorismo e a eficiência produtiva

Yisel Martínez García

• NOS últimos dez anos, a América Latina teve progressos significativos em termos de conectividade. Os países mais avançados da região conseguiram, aos poucos, ir fechando a brecha em termos de acesso à Internet, o que se traduz em cada dia mais latino-americanos conectados, maior velocidade de acesso e preços mais baixos, em termos reais. E embora isso seja uma boa notícia, ainda hoje em cada dois latino-americanos (50%) não está conectado e tem brechas que se ampliam como a da Internet das coisas.

Pablo Bello, diretor executivo da Associação Interamericana da Empresa das Telecomunicações (Asiet), uma companhia que reúne atualmente as mais importantes empresas das telecomunicações, tanto públicas quanto privadas, da América Latina, aceitou a conversar com o *Granma Internacional* sobre os desafios da região referidos ao desenvolvimento tecnológico.

Para ele, o fechamento da brecha digital é o mais urgente.

«Este avanço requer de muitos investimentos. Estamos falando da construção de redes mais avançadas, a extensão de fibra óptica, a instalação de antenas de quarta e depois de quinta geração e de mais espectro radioelétrico. Os países da América Latina para conseguir isso, precisam dar um pulo ainda importante para reduzir a brecha digital e para ter uma infraestrutura de conectividade de classe mundial», explica.

REDUZIR A BRECHA DIGITAL

Falar da redução da brecha digital envolve, além de investimentos e infraestrutura ao nível dos países desenvolvidos, saber também o quê fazer com essa conectividade.

«Devemos saber como criar valor sobre essa conexão para que, efetivamente, estar ligados se manifeste em melhor qualidade de vida, em criar meios de riqueza, em maior igualdade e oportunidades para todos».

«Esse é um âmbito no qual a América Latina ainda não está muito bem. Foi se reduzindo a brecha da conectividade, mas em termos do uso eficiente, produtivo e social das tecnologias da informação como um fator de progresso, estamos muito longe dos países mais desenvolvidos», acrescenta Bello.

Conseguir que as políticas públicas se focalizem em incorporar tecnologia da informação em cada um dos processos produtivos, inclusive nos mais tradicionais, é um dos desafios que expõe o diretor executivo da Asiet.

«A ideia é fazer isto em todos os países da América Latina e em todos seus espaços produtivos», insistiu Pablo Bello. «Ao mesmo tempo, ser capazes de desenvolver serviços, conteúdos e aplicativos digitais que permitam fazer essa transformação tecnológica e

também, desenvolver outra classe de atividades produtivas podendo tirar muito melhor proveito a nossa própria riqueza cultural. Dos 100 sites mais visitados na América Latina, 26 são latino-americanos e em cada quatro, três são de origem estrangeira».

«Hoje através da Internet, estamos transferindo nossa riqueza cultural aos países desenvolvidos e não aproveitamos isso na região. Tudo o que é inovação, música, arte, empreendimentos associados aos nossos fatores culturais, o idioma, deve ser aproveitado e converter essa oportunidade que são as tecnologias da informação em um fator de transformação», acrescenta Bello.

POR QUE APOSTAR NA TECNOLOGIA?

Em um continente como a América Latina onde escasseiam os recursos e existem necessidades sociais, de saúde, de educação e muitas outras, por que investir em tecnologia e Internet quando há tantas urgências?

«Tem a ver com um investimento de futuro, com sair de um círculo da pobreza e construir um caminho de crescimento e de progresso. É uma decisão complexa, mas se forem analisados a evidência e os estudos internacionais, é categórica», expõe Pablo Bello.

Segundo relatórios públicos que estudam a região, se a América Latina não dá um pulo importante em termos de competitividade da capacidade produtiva para enfrentar os mercados mundiais, o crescimento econômico nos próximos 15 anos será entre 40% e 50% mais baixo do que o crescimento econômico dos 15 anos anteriores.

«Isso significa que se não fazemos agora transformações em nossa estrutura produtiva, incorporando a Internet e a tecnologia da informação, para criar mais valor, o que vamos ter é uma década perdida. Dez, 15 anos de muito baixo crescimento, nos quais vão aumentar a pobreza, as necessidades e vão continuar crescendo os problemas».

«Romper o círculo vicioso da pobreza e resolver as necessidades que tem a cidadania em termos de qualidade de vida, consegue-se com transformações na estrutura produtiva através do uso intensivo das tecnologias. Se queremos ser países desenvolvidos temos que fazer coisas diferentes e para fazer coisas diferentes é preciso investir em transformação tecnológica», argui Pablo Bello.

AVANÇOS NA AMÉRICA LATINA E O CASO CUBA

«Na América Latina há casos de sucesso quando falamos da redução da brecha digital. Chile, Uruguai, Colômbia, Costa Rica, são os exemplos mais relevantes». Segundo explica Bello, todos têm políticas muito diferentes e soluções diferentes, mas em todos, sem exceção, há ainda uma parte da popula-

ARIEL MONTENEGRO



Pablo Bello Arellano.

ção que não está ligada. São as pessoas mais pobres, as que moram em zonas afastadas, onde não há conexão ou esta é deficiente.

«Em todos os países há desafios, mas também não se trata de dizer, este país fez isso muito bem, vamos copiar. Cada país é diferente e tem suas particularidades. Em alguns casos as empresas são públicas, em outras privadas, ou há só uma empresa. E o que demonstra a evidência é que com diversos modelos se podem conseguir bons resultados».

Quando o diretor executivo de Asiet fala da região, explica que de fora, os indicadores de Cuba vão progredindo. Sobre o Plano de Informatização da sociedade que realiza o país deu também seus critérios.

«Penso que está muito bem focado e que se está avançando. A empresa Etecsa está fazendo importantes trabalhos neste sentido com as zonas Wifi e a conectividade agora até os lares. Isso vai na direção correta, o problema é que, claro, há restrições econômicas como há nos demais países da América Latina. Para as famílias de menor renda não é fácil, por isso tem que usar modelos comunitários como o de conexões Wifi em espaços públicos. Tudo isso vai na direção correta, o tema é como irmos mais rápido e nisso temos que trabalhar juntos», insistiu Pablo Bello.

Em Cuba, percebe, acontece algo que é bem diferente do que acontece em outras partes da região. Em muitos países se reduz a brecha, avança-se em conectividade, mas

falta muito em uso, conhecimento, capacidade, em práticas associadas.

Aqui, possivelmente é um pouco ao avesso porque há maior capacidade de criação, mais engenheiros, informáticos que estão trabalhando em soluções, aplicações de telemedicina, em sites culturais, em fazer empreendimentos de diverso tipo, mas estão mais atrasados em termos de conectividade.

Sobre este tema assegurou estar muito impressionado com a vontade de trabalho dos jovens das universidades.

Expressou sua impressão sobre os aplicativos desenvolvidos no país, no âmbito da saúde, relacionados com telemedicina, fichas médicas e gestão hospitalar.

Por outro lado, ressaltou a capacidade dos engenheiros e dos informáticos para criar soluções, aplicativos e dar um uso eficiente e produtivo às tecnologias da informação. Nesse sentido, afirmou que Cuba tem uma posição de liderança espetacular.

«O altíssimo nível de seus informáticos e informáticas, é válido de reconhecer. Sobre tudo, é preciso salientar o papel da mulher informática cubana porque está a um nível muito acima das de outros países da América Latina, onde claramente há uma diferença, porque é uma indústria de homens. Eu não sei como Cuba conseguiu quebrar essa brecha de gênero, mas ver as mulheres em posições de liderança me parece fascinante e fantástico».

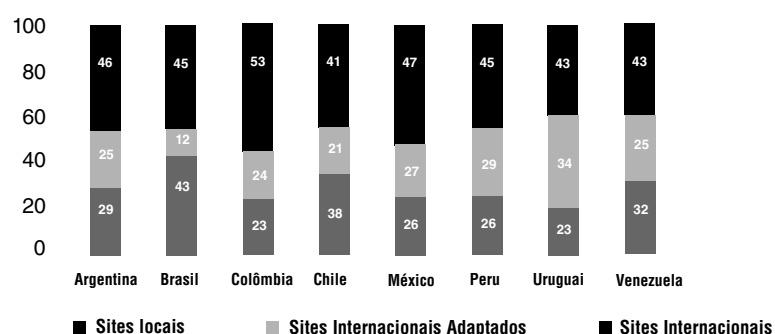
«Esse investimento de ter as universidades comprometidas com a busca de soluções, criando empresas a partir da universidade para gerar soluções a um governo eletrônico, no âmbito da saúde, da cultura, da educação, penso que isso, sem dúvida, é indispensável como fator de desenvolvimento».

«Acho que se tem algo que criticar ou dizer é que essa capacidade e esse know-how se venda mais para fora. A América Latina tem que conhecer mais acerca do trabalho de Cuba nesse sentido, a região é um espaço natural para que essas soluções se possam, inclusive, comercializar. É um mercado em que toda essa capacidade pode ser utilizada para gerar mais riqueza para os cubanos», assegurou o diretor executivo de Asiet.

Infraestrutura, reduzir a brecha digital, conseguir conectividade de classe mundial, telecomunicações e que a América Latina seja muito mais avançada em termos tecnológicos não é um capricho, é uma necessidade. Requer-se transformar a economia e a sociedade sobre essa conectividade e isso precisa de políticas públicas bem focadas.

«Cuba tem uma posição de liderança em relação a este tema, da qual a América Latina tem muito que aprender e Cuba tem muito que exportar. Não somente em termos de conhecimento, mas também de soluções e de software, de aplicativos e de sistemas que possam ser utilizados em outras partes da América Latina». •

América Latina: Composição dos 100 Sites da Internet mais Populares



América Latina

Fonte: UIT (2016)

53% das pessoas não usam Internet

66% dos lares não têm Internet